

## O HOMEM NO CONTEXTO DA NOVA FILOSOFIA DE LUDWIG FEUERBACH

Ermínio de Sousa Nascimento<sup>1</sup>

Eduardo Ferreira Chagas<sup>2</sup>

**Resumo:** O tema central deste trabalho considera o homem na nova filosofia de Feuerbach, com a finalidade de compreendê-lo enquanto um ser que tem a sua origem na natureza, encontrando nela os meios materiais para a sua existência e perceber a unidade entre razão e sensibilidade como critério norteador para a elaboração de conceitos, tendo os objetos sensíveis como base concreta para originar o conhecimento e justificar a compreensão de homem. Para atingir tais objetivos, analisamos, principalmente, as obras de Feuerbach, *Necessidade de uma Reforma da Filosofia; Teses Provisórias para uma Reforma da Filosofia e Princípios da Filosofia do Futuro*, nos quais o autor faz uma análise crítica sobre a teologia cristã e a filosofia especulativa moderna. Nesta perspectiva, abordamos o caráter duplo do homem, razão e sensibilidade, no pensamento do filósofo, denunciando a supressão desta última, tanto pela teologia cristã como pela filosofia especulativa, ou seja, dentro do projeto da nova filosofia de Feuerbach, ele identifica apenas uma transmutação da teologia cristã para a filosofia especulativa moderna, de modo que ambas concebem o homem destituído de sensibilidade.

**Palavras-chave:** Sensibilidade. Razão. Homem. Teologia Cristã. Filosofia Especulativa.

**Abstract:** The central issue of this paper considers the man in the new Feuerbachian Philosophy, in order to understand him as a being that has his origin in the nature and finds there, the material resources for his existence. It is also intended to realize the unity between reason and sensibility as a guiding criterion for the development of concepts, having the sensitive objects as concrete base to originate knowledge and justify man understanding. To achieve these goals, we have mainly analyzed the following texts: *Reforma da Filosofia; Teses Provisórias para uma Reforma da Filosofia* and *Princípios da Filosofia do Futuro*, in which, Feuerbach makes a critical analysis of Christian Theology and Modern Speculative Philosophy. From this perspective, we have dealt with the dual character – reason and sensibility – from the philosopher thought, denouncing the suppression of the latter, both by Christian Theology as by Speculative Philosophy. In other words, within the project of the new Feuerbachian Philosophy, he identifies only a transmutation from Christian Theology to modern Speculative Philosophy, so that both conceive the man devoid of sensibility.

**Keywords:** Sensibility. Reason. Man. Christian Theology. Speculative Philosophy.

---

<sup>1</sup> Mestre em Filosofia pela Universidade Federal da Paraíba. Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará – UFC. Professor efetivo do Curso de Filosofia da Universidade Estadual Vale do Acaraú – (UVA). Email: [herminionascimento@yahoo.com.br](mailto:herminionascimento@yahoo.com.br) Lattes: CV: <http://lattes.cnpq.br/1922606977951941>.

<sup>2</sup> Doutor em Filosofia pela Universität von Kassel (Alemanha). É professor efetivo (associado) da Graduação do Curso de Filosofia e do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal do Ceará – UFC - e professor colaborador do Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da FACED – UFC. Pesquisador Bolsista do CNPq. Editor da Revista Dialectus: (<http://www.revistadialectus.ufc.br/index.php/RevistaDialectus/about/editorialPolicies#sectionPolicies>). Homepage: <http://efchagasufc.wordpress.com>. E-mail: [ef.chagas@uol.com.br](mailto:ef.chagas@uol.com.br). (Lattes – CV): <http://lattes.cnpq.br/2479899457642563>.

## **Introdução**

A concepção de homem defendida por Feuerbach, em suas obras denominadas de *Necessidade de uma Reforma da Filosofia; Teses Provisórias para uma Reforma da Filosofia e Princípios da Filosofia do Futuro*, configura-se como uma tentativa de estruturar o conhecimento a partir da realidade material, dos objetos sensíveis. Para isto, o homem é visto como um ser dotado de consciência, razão e sensibilidade, corpo. Pela sensibilidade ele apreende os objetos sensíveis, finitos, para estruturar e legitimar o pensamento. Em outras palavras, o pensamento não determina a realidade finita, mas, ao contrário, é a realidade finita que condiciona o conteúdo do pensamento.

Com este entendimento, Ludwig Feuerbach se contrapõe à teologia cristã por compreender o homem como criatura de Deus, como aquele que renuncia a sua sensibilidade, seu corpo, em prol da felicidade de sua alma que perdurará no além. Feuerbach denuncia a inversão entre criatura e criador, dizendo que o homem, na perspectiva cristã, deixa de ser sujeito para ser predicado, criatura de Deus, quando, na realidade, é Deus que é predicado, criatura do sujeito homem. Com a filosofia especulativa moderna, Feuerbach percebe a presença também de uma inversão entre predicado e sujeito, desta vez no que diz respeito ao entendimento de que há uma primazia do pensamento sobre a realidade material, sensível. Neste contexto, ao invés do pensamento ser estruturado a partir da realidade material, finita, é a realidade material, finita, que é determinada pelo pensamento.

Neste sentido, temos como objetivo central, neste artigo, inverter essa inversão, instituindo os objetos materiais, sensíveis, como a base para a elaboração do pensamento, e colocar o homem real, dotado de consciência, razão e sensibilidade, corpo, como sujeito da investigação e não como mero predicado ou determinação do pensamento. Para isto, expomos a crítica de Feuerbach à primazia do pensamento sobre a realidade material no contexto da filosofia especulativa moderna, destacando os problemas advindos da supressão dos sentidos do homem no processo de elaboração do conhecimento, e ressaltando também que o modo como esta filosofia concebe o homem é fruto de uma inversão da visão de homem e de realidade da teologia cristã.

## **Feuerbach: O Homem na visão da Teologia Cristã**

No contexto da teologia cristã, Feuerbach identifica o homem como àquele que vê, no seu corpo, a dimensão sensível, a fonte principal do mal, do pecado, da limitação, que o afasta de um projeto criado por Deus para a vida no além. Sobre isto afirma o autor:

[...] para os neoplatônicos, a matéria, o mundo material e real em geral, [...] não constitui qualquer instância, qualquer realidade. [...] os bens do mundo em geral, [...] nada contam para o sábio neoplatônico. Considera até melhor a morte do que a vida corporal; não inclui o corpo na sua essência; desloca a felicidade apenas para a alma, separando-se de todas as coisas corporais, [...] de todas as coisas exteriores. (FEUERBACH, 1988, p. 74).

Este homem que rejeita o mundo material e real transfere a realidade, pela imaginação, para um mundo ideal, inteligível, no qual se encontra a essência da realidade, a realidade em si mesma. O mundo material passa a ser concebido como uma imagem, uma representação abstrata, ou seja, a realidade material é vista como imaterial. Para justificar a efetividade desta mutação, os neoplatônicos instituem a existência de um ser que tanto congrega em si a existência não sensível como a existência sensível, nada se encontra para além dele. Este ser é denominado de Deus, a essência perfeita que satisfaz o homem. Com isto, o homem converte a representação abstrata e a imaginação nas próprias coisas, e o pensamento, a ideia, na própria realidade. E ele deixa de ser sujeito no mundo real porque as suas representações o tornam objetos, seres deste mundo abstrato. Diz Feuerbach:

Precisamente porque já não se comporta como sujeito perante o mundo real como seu objecto é que as suas representações se lhes transformam em objectos, em seres, em espíritos e em deuses. Quanto mais abstracto ele é, tanto mais negativo é perante o sensível real, tanto mais sensível é juntamente no abstracto. (FEUERBACH, 1988, p. 74).

Para Feuerbach, com o advento do pensamento neoplatônico, o homem concebe Deus como um ser perfeito, infinito, ilimitado, livre de qualquer determinação, sem necessidade, mas, para justificar o existir deste ser, só é possível se levar em consideração a existência de um ser imperfeito, finito, limitado, carente, que busca transcender as suas limitações, que é o homem. Com isto, Feuerbach identifica a origem da existência de Deus na existência do próprio homem. É o homem que se exterioriza em busca de sua essência. Ele nega a sua existência como sendo algo real e idealiza a sua essência em Deus, num além, numa realidade imaterial, abstrata, da qual provém a realidade material. A teologia cristã transpõe para o

[...] além a beatitude, a perfeição e a semelhança do homem com Deus – este predicado tornou-se sujeito, um adjetivo do homem tornou-se substantivo, ser real. Justamente por isto o homem real tornou-se, também, um simples abstracto sem carne e sem sangue, uma figura alegórica do ser divino. (FEUERBACH, 1988, p. 77).

Com esse entendimento, Feuerbach afirma que a teologia é, na verdade, antropologia pelo fato do homem transformar os seus predicados (onisciência, onipresença) em sujeito, os seus adjetivos em substantivo, em ser real. Elevou para Deus o que é essencialmente humano, mas com conteúdo pleno de perfeição. Portanto, contendo em si a unidade entre o sensível e o supra-sensível. Neste sentido, segundo Chagas, na religião, a “verdade antropológica não é evidente, pois o que aparece é uma inversão: Deus como sujeito (como criador), e o homem como predicado (como criatura)” (CHAGAS, 2012, p. 41). Mas, para o referido autor,

A pretensão de Feuerbach é inverter essa inversão e mostrar que a discórdia, a oposição, entre Deus (o divino, o sagrado) e o homem (o humano, o profano) é ilusório, porque o conteúdo da religião é inteiramente humano. Portanto, o homem só tomará consciência que Deus é uma projeção de sua subjetividade, de sua própria essência subjetiva, tomada de forma absoluta, quando converter a Teologia em Antropologia (CHAGAS, 2012, p. 41).

### **Crítica de Feuerbach à Concepção de Homem da Filosofia Especulativa Moderna**

Com o advento da modernidade, Feuerbach identifica com Descartes e Hegel a tentativa de trazer para o homem a responsabilidade de instituir, de forma racional, a sua própria essência. Mas o autor denuncia, principalmente, duas questões que distanciam o homem de sua verdadeira essência. Primeiro temos com Descartes a “renúncia” da sensibilidade no processo de elaboração do conhecimento, e segundo, com Hegel, a instituição da realidade a partir exclusivamente do pensamento. Nos dois casos, a dimensão material, sensível, da realidade, a existência da própria realidade é determinada por uma construção racional, abstrata.

Para Feuerbach, esta visão especulativa, de forma arbitrária, estrutura a realidade a partir unicamente de construção conceitual, da razão, sem levar em consideração a dimensão sensível, material, da realidade, transpõe a essência do homem para fora de si, o pensamento do homem para fora dele, ou seja: “A essência da teologia é a essência do homem, *transcendente*, projetado para fora do homem; a essência da lógica de Hegel é o pensamento *transcendente*, o pensamento do homem posto fora do homem”. (FEUERBACH, 1988, p. 21). Com isto, a filosofia especulativa elabora o conhecimento a partir do ideal para o real, do abstrato para o concreto, de modo que nunca chega à realidade verdadeira e objetiva.

Feuerbach, ao analisar o pensamento cartesiano, chama-nos atenção para a primazia no cartesianismo da razão sobre os sentidos, do pensamento sobre a realidade material, uma vez que Descartes identifica a existência de dois tipos de substâncias: o pensamento, a mente, o homem (ou “*res cogitans*”, “a substância pensante”) e a extensão, o corpo, a matéria (ou

“*res extensa*”, “a substância extensa”), mas que elas têm naturezas radicalmente opostas. Sobre isto, afirma Descartes nos *Princípios da Filosofia*:

[...] cada substância tem uma propriedade principal que constitui sua natureza e essência, e à qual todas as suas outras propriedades se referem. Assim, a extensão em comprimento, largura e profundidade constitui a natureza da substância corpórea, e pensamento constitui a natureza da substância pensante. (AT VIII A 25: CSM I 210 *apud*. COTTINGHAM, 1995, p. 55).

Para Descartes, existe uma dualidade entre corpo e mente, entre matéria e espírito, e que, nesta dualidade, a mente, ou o pensamento, é o que garante a existência do eu. Para chegar à certeza da existência do eu, ele faz uma análise de tudo que chega até nosso entendimento, e rejeita tudo aquilo que se pode duvidar. A primeira coisa a ser rejeitada por Descartes é todo conhecimento que se origina nos sentidos e mais radicalmente ainda a própria instância dos sentidos. Nas palavras de Descartes: “Assim, porque os nossos sentidos nos enganaram às vezes, quis supor que não havia coisa alguma que fosse tal como eles nos fazem imaginar” (DESCARTES, 1979, p. 46). Ele duvida de todas as representações adquiridas, seja acordado ou dormindo, em sonho, dizendo:

[...] considerando que todos os mesmos pensamentos que temos quando desperto nos podem também ocorrer quando dormimos, sem que haja nenhum, nesse caso, que seja verdadeiro, resolvi fazer de conta que todas as coisas que até então haviam entrado no meu espírito não eram mais verdadeiras que as ilusões de meus sonhos. (DESCARTES, 1979, p. 46).

E, finalmente, Descartes atingiu o ponto do qual é impossível duvidar,

Mas logo em seguida, adverti que, enquanto eu queria assim pensar que tudo era falso, cumpria necessário que eu, que pensava, fosse alguma coisa. E notando que esta verdade: *eu penso, logo existo*, era tão firme e tão certa que todas as mais extravagantes suposições dos céticos não seriam capazes de a abalar, julguei que podia aceitá-la, sem escrúpulo, como princípio da filosofia que procurava. (DESCARTES, 1979, p. 46).

Assim, metodologicamente, ele chegou a uma verdade clara e distintamente, mediante um procedimento racional que dispense toda e qualquer influência dos sentidos, de modo que o fundamento do conhecimento é o pensamento, e só a partir dele é que se pode atingir todo conhecimento de forma segura. Sobre isto, afirma Feuerbach: “Os sentidos, diz Descartes, não fornecem nenhuma realidade verdadeira, nenhuma essência, nenhuma certeza – só o

entendimento separado dos sentidos proporciona a verdade” (FEUERBACH, 1988, p. 61). Descartes, após encontrar o fundamento do conhecimento, busca descobrir a natureza do eu que pensa. Diz ele:

[...] examinando com atenção o que eu era, e vendo que podia supor que não tinha corpo algum e que não havia qualquer mundo ou qualquer lugar onde eu existisse, mas que nem por isso podia supor que não existia; e que, ao contrário, pelo fato mesmo de eu pensar em duvidar da verdade das outras coisas, seguia-se mui evidente e mui certamente que eu existia; [...] compreendi [...] que era uma substância cuja essência ou natureza consistia apenas no pensar, e que, para ser, não tem necessidade de nenhum lugar, nem depende de qualquer coisa material. De sorte que este eu, isto é, a alma, pela qual sou o que sou, é inteiramente distinto do corpo [...] e, ainda que este nada fosse, ela não deixaria de ser tudo o que é. (DESCARTES, 1979, p. 46-47).

Na citação acima, Descartes evidencia a primazia do pensamento sobre a realidade material, identificando o homem, o eu, com o pensar sem necessidade de ser dotado de corpo e da existência de algum lugar ou mundo material onde ele pudesse existir. Para se contrapor a isto, Feuerbach afirma que:

A filosofia moderna procurou algo de imediatamente certo. [...] rejeita o pensar *sem fundamento* e sem base da escolástica, fundou a filosofia na *autoconsciência*, isto é, pôs no lugar do ser puramente pensado, no lugar de Deus, do ser supremo e último de toda filosofia escolástica, o ser *pensante*, o eu, o *espírito autoconsciente*; com efeito, o pensante está *infinitamente mais próximo* do pensante, *mais presente e mais certo do que o pensado*. Susceptível de dúvida é a existência de Deus e, em geral, também o que eu penso; mas é indubitável que eu sou, eu que penso, que duvido. Mas a autoconsciência da filosofia moderna é, por seu turno, *apenas um ser pensado, mediado pela abstração, susceptível de dúvida*. (FEUERBACH, 1988, p. 83).

Para Feuerbach, o que é “Indubitavelmente, imediatamente certo, é unicamente o objecto dos sentidos, da intuição e dos sentimentos” (FEUERBACH, 1988, p. 83). Feuerbach inverteu a proposição da filosofia especulativa que definia o eu, o homem, como um ser puramente pensante, abstrato, de modo que o corpo não pertencia à sua essência; por uma nova proposição que afirma o homem como um ser real, sensível, instituindo o corpo na sua totalidade como sendo o eu e a essência do homem. Assim, o autor defende o fim do conflito entre pensamento e sentidos. Ele defende a instituição de uma filosofia da finitude, prática, na

qual “[...] só a intuição das coisas e dos seres na sua realidade objectiva é que liberta e isenta o homem de todos os preconceitos. A passagem do ideal ao real tem seu lugar unicamente na filosofia prática” (FEUERBACH, 1988, p. 25).

Para isto se efetivar é fundamental que se conceba o homem como um ser que se constitui, sobretudo, da unidade entre razão e sensibilidade. Daí resulta que, com a razão o homem faz referência a si mesmo e pelos sentidos faz referência a tudo que se encontra fora dele, a natureza; pela razão ele se difere da natureza, mas a sua existência tem na natureza a sua essência (Cf. MELO, 2012). Com isto, Feuerbach critica a filosofia especulativa hegeliana, a qual concebe o pensamento como sendo o ser. Mas este ser é destituído de realidade objectiva, ele é abstrato. Segundo Chagas,

O ser com que a *filosofia especulativa* inicia é ser abstraído [...] de todas as coisas sensíveis e de toda objectividade; esse ser que não se distingue do pensar, isento de realidade, é um ser abstrato, porém não é ser algum, uma vez que um ser sem qualidades, sem essência de ser, é apenas uma representação ou invenção, meramente dita ou pensada, do ser. (CHAGAS, 1992, p. 34).

Nesta perspectiva, a passagem do abstrato para o real se dá apenas pela construção racional, do pensamento, de forma arbitrária, de modo que o que é pensado não condiz com a realidade propriamente dita, mas apenas com uma realidade abstrata. Para romper com esta visão, é salutar que se leve em consideração os objetos sensíveis, as coisas materiais, objectivas e finitas que são percebidos pelos sentidos, para, a partir deles, legitimar o pensamento. O finito passa a ser, diferentemente da teologia cristã e da filosofia especulativa, sujeito do infinito, de Deus, do universal, e não predicado deles.

O pensamento perde a sua primazia sobre a realidade material e passa a se constituir a partir dela. Os sentidos são os responsáveis pela mediação entre a realidade objectiva e o pensamento, de modo que assegura as qualidades das coisas sensíveis na constituição do pensamento. Assim, é o pensamento que provém das coisas e não as coisas que são determinadas pelo pensamento. A consciência e o pensamento passam a ser concebidos como algo secundário na percepção da realidade e esta tem a natureza como seu fundamento no pensamento de Feuerbach. Com isto, o que era derivado, a realidade finita, objectiva, a natureza, passa a ser sujeito, e o que era sujeito, Deus, o infinito, o pensamento, passa a ser derivado. Neste contexto, segundo Chagas,

[...] a nova filosofia não é um princípio abstrato ou escolástico; ao contrário, ela é a própria afirmação do homem pensante; do homem que é e sabe que é autoconsciente da natureza, a essência da religião, a essência dos Estados,

por fim, a essência de todas as qualidades e de todas as determinações espirituais, sensíveis [...]. (CHAGAS, 1992, p. 35).

Esta nova filosofia é concebida por Feuerbach como antropologia filosófica, pois, ao realizar qualquer reflexão sobre algo, é do homem que se está falando. O homem deixou de ser subordinado a Deus ou ao absoluto para exercer suas atividades concretas. Para isto, Feuerbach pressupõe a realidade finita, o ser concreto, a sensibilidade, os sentidos, o amor como fundamento desta sua nova filosofia:

É no amor, no sentimento em geral, que *cada homem reconhece a verdade da filosofia nova*. A nova filosofia, relativamente à sua base, nada mais é do que a essência do sentimento elevado a consciência – afirma apenas na e com a razão o que cada homem – o homem real – reconhece no coração. Ela é o coração elevado ao entendimento. O coração não quer objectos e seres abstratos, metafísicos ou teológicos – quer *objectos e seres reais e sensíveis*. (FEUERBACH, 1988, p. 81).

### **Considerações Finais**

Na compreensão de Feuerbach, a lógica da teologia cristã e da filosofia especulativa moderna deve ser superada, pois, no primeiro caso, Deus é visto como criador do homem, e este homem lamenta por ser dotado de um corpo, pelo fato deste dificultar a realização do projeto de Deus no além. Então o homem transfere para alma a sua realidade de ser e busca em Deus a sua essência. Assim, ele se exterioriza e não se reconhece como sujeito no mundo, ao contrário, ele passa a ser predicado de Deus. Deus deixa de ser predicado do homem para ser sujeito do homem. Há uma inversão que deve ser invertida, e isto acontece na filosofia de Feuerbach, ou seja, o homem reassume a posição de sujeito, de criador de Deus. E Deus volta a ser apenas predicado, criação do homem.

Com a filosofia especulativa moderna, o homem se constitui apenas como um ser meramente abstrato que se identifica com o próprio pensar ou é determinado por ele. Deste modo, ele é destituído de sensibilidade e de realidade objetiva. É apenas criação do próprio pensamento. Nesta perspectiva, também há aqui uma inversão que deve ser invertida para Feuerbach, uma vez que o que é derivado, o pensamento, passa a ser fundamento, e o que é fundamento, o ser real, a finitude, as coisas materiais, sensíveis, passa a ser derivado. Razão pela qual, na nova filosofia, o homem é concebido como o centro das reflexões. Ele é dotado, tanto de consciência, de racionalidade, como de sensibilidade, de corpo. Pela sensibilidade ele

percebe a realidade finita, apreende os objetos materiais, para, a partir daí, estruturar o pensamento, de modo que, nem o homem é mero pensamento abstrato e nem o pensamento determina a realidade finita.

### Referências Bibliográficas

CHAGAS, Eduardo F. *Natureza e Liberdade em Feuerbach e Marx*. Campinas, SP: Editora Phi, 2016.

\_\_\_\_\_. *Religião: O homem como imagem de Deus ou Deus como imagem do homem?*, in: Formação Humana: Liberdade e Historicidade, org. por Ercília Maria Braga de Olinda, Edufc, 2004.

\_\_\_\_\_. *Projeto de uma nova filosofia como afirmação do homem em Ludwig Feuerbach*. In: *Teoria e Práxis - Revista de Ciências Humanas e Política*, Goiânia-GO, v. 4, pp. 31-36, 1992.

\_\_\_\_\_. *O pensamento de Marx sobre a subjetividade*. In: CHAGAS, Eduardo F. (org.) *Subjetividade e Educação*. Fortaleza: Edições UFC, p. 37- 62, 2012.

CHAGAS, Eduardo F.; Redyson, Deyve; Paula, Marcio G. de: *Homem e Natureza em Ludwig Feuerbach*. Série Filosofia, nº 8, Fortaleza: Edições UFC, 2009.

CHAGAS, Eduardo F.; Redyson, Deyve: *Ludwig Fuerbach: filosofia, religião e natureza*. São Leopoldo, Editora Nova Harmonia, 2011.

COTTINGHAM, John. *Dicionário Descartes*. Trad. de Helena Martins. Rio de Janeiro: Jorge Zahar 1995.

DESCARTES, René. *Discurso do Método*. Trad. de J. Guinsburg e Bento Prado Júnior. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

FEUERBACH, L. *Princípios da Filosofia do Futuro e outros escritos*. Trad. Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1988.

\_\_\_\_\_. *GW 5, Das Wesen des Christesntums (1841)*, Berlin 1973.

\_\_\_\_\_. *GW 6, Vorlesungen über das Wesen der Religion (1851)*. Nebst Zusätzen und Anmerkungen, Berlin 1967.

MELO, R. G. *Homem e sensibilidade em Ludwig Feuerbach: crítica à Teologia Cristã e à Filosofia Especulativa*. Fortaleza, Dissertação Mestrado, Departamento de Filosofia – Universidade Federal do Ceará, 2012.

REITEMEYER, Ursula: *Philosophie der Leiblichkeit. Ludwig Feuerbachs Entwurf einer Philosophie der Zukunft*, Frankfurt a. M. 1988.

SCHUFFENHAUER, Werner: *Ludwig Feuerbach und der junge Marx. Zur Entstehungsgeschichte der marxistischen Weltanschauung*, Berlin 1965.

SCHMIDT, Alfred: *Emanzipatorische Sinnlichkeit. Ludwig Feuerbachs anthropologischer Materialismus*, München 1973.

SCHRÖTER, Gisela: *Zum Bündnis von Philosophie und Naturwissenschaft im Materialismus Ludwig Feuerbachs*, in: *Deutsche Zeitschrift für Philosophie*, Heft 36, Jahrgang, Berlin 1988, S. 28-36.

SCHUFFENHAUER, Werner: *Ludwig Feuerbach und der junge Marx. Zur Entstehungsgeschichte der marxistischen Weltanschauung*, Berlin 1965.

STEINDL, Regina: *Bemerkungen zum Naturbegriff bei Ludwig Feuerbach*, in: *Wissenschaftliche Reihe* 34, H. 3, Jena 1985, S. 361-366.

TOMASONI, Francesco: *Ludwig Feuerbach. Biografia intellettuale*. Editrice Morcelliana, 2011.

\_\_\_\_\_: *Ludwig Feuerbach e la natura non umana: Ricostruzione genetica dell' "Essenza della religione" con pubblicazione degli inediti*, Firenze 1986.